

DESAFIOS

Educação profissional: caminho para a empregabilidade

Modalidade aproxima jovens no ensino médio ao mundo do trabalho. Formação pode ser decisiva para aquisição de competências, desenvolvimento de habilidades e conquista de vagas

» JÚLIA GIUSTI*

Diante das rápidas transformações no cenário de empregabilidade, mediadas pela tecnologia e inovações, o desafio da retenção de jovens no mercado de trabalho se intensifica. Muitas vezes, uma vaga de emprego também exige formação educacional, o que cria uma inter-relação entre os estudos e o trabalho. Nesse contexto, a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) pode ser uma alternativa para quem busca se especializar e alcançar a sonhada vaga de emprego. Esse foi um dos temas do evento Tramos do Futuro, organizado pelo Itaú Educação e Trabalho (IET) este ano em São Paulo.

“Nós temos que pensar em políticas públicas para a juventude: desenvolvimento com saúde, possibilidade de mobilidade social, renda e opções de escolha profissional. Por isso, a EPT é importante, pois faz a conexão com o mundo do trabalho, aumentando a chance de empregabilidade”, afirma a superintendente do IET, Ana Inoue. Para ela, a educação profissional não é um ponto-final na trajetória dos jovens, mas promete dar um “empurrão” para a continuidade da formação.

Ensino superior X EPT

Na visão de Ana Inoue, o ensino superior e a EPT não são contrários e excludentes entre si. A especialista acredita que as universidades são importantes polos de conhecimentos, mas o acesso a elas ainda é desigual. Por isso, ela defende que as duas modalidades devem ser aplicadas de forma complementar, a fim de potencializar o desenvolvimento dos jovens. “A formação superior é cara, pois

Fotos: Júlia Giusti/ CB press



Mariana (E), Mirella (C) e Yasmin (D), alunas do curso técnico de química integrado: participação no evento Tramos do Futuro

requer recursos para pesquisa e demora para produzir um conhecimento. A educação profissional deve contar com a universidade, mas também com outras qualificações e formações”, aponta.

Ana Inoue também aposta na disseminação do saber sobre a EPT e na democratização do ensino, visto que essa modalidade, antes vista com menor interesse, está ganhando força entre os jovens. “É preciso fazer um esforço para reorientar uma formação profissional que represente todos os jovens brasileiros, seja pela universidade, seja por formações específicas,

possibilitando a continuidade do desenvolvimento profissional”, destaca a superintendente.

João Alegria, secretário-geral da Fundação Roberto Marinho, concorda que ainda existe um preconceito em relação à educação profissional e tecnológica, pela tradição do ensino superior e a crença de que ter uma faculdade é garantia de emprego, desvalorizando formações técnicas. “Mais do que um problema de eficácia dessas formações, isso é um problema cultural”, diz. Com isso, ele acredita na superação desses preconceitos para combater o “apagão” de mão

de obra: “Há um universo de oportunidades a explorar, mas que não estão sendo enxergadas.”

Evasão escolar

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 19,8% dos jovens de 15 a 29 anos não estavam ocupados nem estudando em 2023, o que representa 9,6 milhões de pessoas. No grupo etário de 14 a 29 anos, 9 milhões não completaram o ensino médio. Tanto para homens

quanto mulheres, o principal motivo para a evasão escolar foi a necessidade de trabalhar.

De forma complementar, o estudo Pobreza Multidimensional na Infância e Adolescência no Brasil – 2017 a 2023, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), mostra que, em 2023, cerca de 28 milhões de crianças de adolescentes de 0 a 17 anos viviam na pobreza, o que representa cerca de 56% desse grupo.

Para Gustavo Oliveira, oficial do Unicef no Brasil, a evasão remete a violações de direitos ainda na primeira infância, até os seis